



## Monte Cabeça de Velho: um elemento na construção de cidades educadoras em Moçambique

### *Monte Cabeça de Velho: An element in the construction of educating cities in Mozambique*

Rogério Filipe Mário

Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura  
Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM.  
São Paulo, SP– Brasil.  
[rogeriofilipemario@gmail.com](mailto:rogeriofilipemario@gmail.com)

Romeu Ricardo Cândido

Doutorando em Sociologia Política.  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro– UERJ.  
Rio de Janeiro, RJ– Brasil.  
[machonass@gmail.com](mailto:machonass@gmail.com)

Maria Aparecida Perez

Doutora em Educação  
Universidade de Siegen– Uni Siegen.  
Siegen, Siegen– Alemanha.  
[maria-perez@uol.com.br](mailto:maria-perez@uol.com.br)

**Resumo:** O objetivo central do presente artigo é compreender a importância do monte Cabeça de Velho como um elemento fundamental na construção da cidade educadora no município de Chimoio, Moçambique. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada no estudo bibliográfico, associado à entrevista para buscar informações relativas à temática. Os resultados do estudo apontam que o Monte Cabeça de Velho constitui um local de convergências entre as atividades socioculturais, comunitárias, turísticas, artísticas e educativas, onde as pessoas aprendem a valorizar o saber local e a formação de valores morais e éticos. Portanto, Monte Cabeça de Velho é um lugar que favorece à comunidade criar espaços de lazer, cultura e educação (História local, tradicional, social), contribuindo desse modo, na melhoria e incremento da qualidade de vida dos munícipes da Cidade de Chimoio.

**Palavras-chave:** cabeça de velho; cidade educadora; educação social.

**Abstract:** The central objective of this article is to understand the importance of the Cabeça de Velho Hill as a fundamental element in the construction of the educating city in the municipality of Chimoio, Mozambique. Methodologically, this is a qualitative research that used a bibliographical study associated with interviews to obtain information on the theme. The results of the study indicate that the Monte Cabeça de Velho is a meeting place of convergence between socio-cultural, community, tourist, artistic and educational activities, where people learn to value experiential learning and the formation of moral and ethical values. Therefore, Monte Cabeça de Velho is a place that favours the community to create spaces for leisure, culture and education (local, traditional and social history), thus contributing to the improvement and development of the quality of life of the residents of the city of Chimoio.

**Keywords:** cabeça de velho; educating city; social education.

Cite como

(*ABNT NBR 6023:2018*)

MÁRIO, Rogério Filipe; CÂNDIDO, Romeu Ricardo; PEREZ, Maria Aparecida. Monte Cabeça de Velho: um elemento na construção de cidades educadoras em Moçambique. *Dialogia*, São Paulo, n. 45, p. 1-14, e23825, maio /ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/45.2023.22883>

*American Psychological Association (APA)*

Mário, R. F., Cândido, R. R., & Perez, M. A. (2023, maio/ago.). Monte Cabeça de Velho: um elemento na construção de cidades educadoras em Moçambique. *Dialogia*, São Paulo, 45, p. 1-14, e23825. <https://doi.org/10.5585/45.2023.22883>

## 1 Introdução

Atualmente, a ideia de Cidade Educadora, está vinculada a um movimento de iniciativas de instituições de âmbito internacional, associadas ou não a AICE<sup>1</sup> e tem sido reconhecida como uma das vias possíveis para perceber a realidade urbana e melhorar a sua dinâmica em termos de participação e coesão social.

A Cidade Educadora tem personalidade própria, integrada no país do qual faz parte. A sua identidade é, por conseguinte, interdependente do território em que está inserida. É, também, uma cidade relacionada ao seu meio envolvente, com outros núcleos urbanos do seu território, relacionada aos meios rurais que a rodeiam e às cidades dos outros países. O seu objetivo constante será aprender, inovar e partilhar, enriquecer e tornar mais segura e digna a vida dos seus habitantes. (AICE, 2020, não p.).

Assim sendo, entende-se a cidade não só como um elemento fundamental para o desenvolvimento urbano, mas também como agente educativo dinamizador de aprendizagens, com suas instituições de ensino formal e as suas intervenções não formais (com fins educativos fora da educação regulamentada) e informais (não intencionais ou planejadas), colaborando entre si, com vista a desenvolver competências de cidadãos por intermédio de troca de experiências e reforço dos princípios de cidadania ativa.

Hoje, mais do que nunca, as cidades ou as vilas, grandes ou pequenas, dispõem de inúmeras possibilidades educadoras, mas sobre os municípios também podem incidir forças e inércias deseducadoras. De uma forma ou de outra, a cidade apresenta elementos importantes para uma educação integral: é um sistema complexo e, ao mesmo tempo, um agente educativo permanente, plural e poliédrico, capaz de potencializar os fatores educativos e de transformação social. Na Cidade Educadora, a educação transcende as paredes da escola para impregnar toda a cidade. Uma educação para a cidadania, na qual todas as administrações assumem a sua responsabilidade na educação e na transformação da cidade num espaço de respeito pela vida e pela diversidade. (AICE, 2020, não p.).

O presente artigo tem como objetivo compreender a importância do monte Cabeça de Velho como um elemento fundamental na construção da cidade educadora, no município de Chimoio. Em Moçambique é frequente, em conversas do dia à dia ou em espaços acadêmicos, fazermos referência ao termo cidade e aparecem imagens de cidade como Maputo, Beira, Nampula ou mesmo onde estivermos e outras de que a gente tenha memória dela. Ocorrem lembranças das suas dinâmicas, concentrações, comércio, trânsito, edifícios enormes e outros, o que revela a ideia de um espaço urbano, característico do século XXI.

Para tanto, a Cidade Educadora tem personalidade própria e, sua identidade é, por conseguinte, interdependente do território em que está inserida. É, também, uma cidade

<sup>1</sup> Associação Internacional de Cidades Educadoras.

relacionada o seu meio envolvente, com outros núcleos urbanos do seu território, com os meios rurais que a rodeiam e as cidades dos outros países. O seu objetivo constante será aprender, inovar e partilhar e, portanto, enriquecer e tornar mais segura e digna a vida dos seus habitantes.

Por se tratar de uma abordagem qualitativa, adotamos o método de revisão bibliográfica, entrevistas e análise documental o que permitiu compreender a importância que o monte Cabeça de Velho tem na construção de Chimoio como uma cidade educadora.

Na revisão bibliográfica selecionamos obras científicas em formato físico e eletrónico, disponíveis nas revistas científicas e documentos que abordam conteúdos relacionados às cidades educadoras e que constituam bases fundamentais para a sustentação teórica da temática em discussão nesse artigo.

Por intermédio de um guião sistemático, foram entrevistados os anciãos residentes dos arredores do Monte Cabeça do Velho para entender o significado e a importância que o monte representa para a construção de Chimoio como Cidade Educadora.

E, a análise do conteúdo das entrevistas efetuadas foi feita na base dos pressupostos de Bardin (2001) que aponta que:

Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

Tendo como referência a cidade de Chimoio, local onde se localiza o Monte Cabeça de Velho, situada na região central de Moçambique, África, marcada por um conjunto de características de uma cidade emergente em que o espaço urbano deixou de se restringir a um conjunto denso e definido de edificações para significar, de maneira mais ampla, a predominância da cidade sobre o campo. Chimoio é, no entanto, uma cidade com características peculiares periferia, subúrbio e, áreas industriais. Estradas e vias expressas que invadem e absorvem áreas agrícolas, marcando, dessa forma, um movimento incessante de urbanização. No limite, este movimento tende a devorar todo o espaço, transformando-o em uma área urbana.

A cidade, enquanto local permanente de moradia e trabalho, concentra uma população que se dedica a atividades económicas como o: comércio, a indústria, o mercado financeiro; tem também, atividades culturais, entre outras atividades que não se caracterizam como rurais. O próprio espaço urbano, às vezes, carece de conservação das histórias que o formaram, dos planeamentos administrativos e arquitetónicos, dos povos que o habitam e terminam por não dar espaço para as histórias que geram convergências educativas diversas.

De acordo com Rolnik (1998), a cidade se implanta quando há uma quantidade de produtos para além das necessidades de consumo imediato. A produção excedente é:

[...], ao mesmo tempo, a possibilidade de existência da cidade na medida em que seus moradores são consumidores e não produtores agrícolas e seu resultado na medida em que é a partir da cidade que a produção agrícola é impulsionada. Ali são concebidas e administradas as grandes obras de drenagem e irrigação que incrementam a produtividade da terra; ali se produzem as novas tecnologias do trabalho e da guerra. Enfim, é na cidade, e por meio da escrita, que se registra a acumulação de riquezas, de conhecimentos. (ROLNIK, 1998, p. 5).

A dimensão educativa permite que o próprio espaço da cidade se encarregue de contar sua história. A consciência dessa dimensão na arquitetura, nos monumentos, na natureza que a circunda tanto que hoje se fala muito em "preservação da memória coletiva, através da conservação de bens arquitetônicos, isto é, da não demolição de construções antigas" (ROLINK, p. 9). Trata-se de impedir que esses lugares sejam apagados enquanto espaços físicos e das memórias dos indivíduos, mesmo que, muitas vezes, acabem por servir apenas à contemplação dos seus visitantes. Segundo o autor que vimos citando,

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. (ROLINK, p. 6).

Nesse contexto, o Monte Bengo (Cabeça de Velho) constitui um desses lugares e dá corpo ao objetivo do presente estudo que pretende analisar as potencialidades educativas desse monte para os munícipes da Cidade de Chimoio e para quem o visita.

Para os munícipes se trata de compreender o sentimento de pertencimento, de criar um vínculo com o território, de valorizar as experiências de vivência provocadas pela existência do Monte que se trata de uma experiência política que deve ser registrada, pois segundo Larrosa (2004)

Experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca. A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa. Dir-se-ia que tudo o que passa está organizado para que nada nos passe. Walter Benjamin, em um texto célebre, já certificava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA 2004, p. 154).

## 2 Epistemologia do nome “Monte Cabeça de Velho”

A cerca de 5 km do centro da cidade de Chimoio, do lado Este, nos limítrofes de Chimoio, encontra-se uma formação rochosa do tipo natural, donde se pode observar uma paisagem plana da antiga Vila Pery como se pode observar na imagem

**Imagem 1** - Localização do Monte Cabeça do Velho



Fonte: (Autores, 2021).

É uma montanha que se pode observar a partir de vários pontos da cidade. Desses pontos é mais notável a aparência do monte como uma cabeça humana deitada de costa e olhando para o céu conforme se ilustra a seguir.

**Imagem 2** – Monte Cabeça do Velho



Fonte: (Autores, 2021).

Para lá chegar, parte-se da Rua do Báruè, no centro da cidade ou se quiser do edifício “Manuel Nunes”, seguindo a via que dá acesso ao bairro Josina Machel, passa-se pela Escola Eduardo Mondlane, em linha contínua até a Escola Primária do mesmo nome “Cabeça do Velho” que se situa mesmo nas imediações do monte. A partir dessa escola, é possível ter acesso à estrada que dá ao monte.

Antes de escalar o monte, no passado, todo e qualquer um, era submetido a um ritual ou a pequena cerimônia tradicional dirigida pelas autoridades tradicionais locais. Era objetivo desse ritual, comunicar aos espíritos dos antepassados, que afirmam existem por lá, sobre a visita que iriam receber e assim era feito, para que nada de mal acontecesse durante a escala.

Ao longo da caminhada, o visitante que for ao monte, também é avisado pelos cidadãos de Chimoio, sobre os cuidados a tomar. Esse povo que todos os dias está empenhado na luta pelo desenvolvimento do país (realizando atividades comerciais de grande e pequena escala, sendo no mercado ou em sua casa), povo feliz e hospitaleiro que guarda sua cultura.

Sobre a origem do nome Cabeça de Velho existe um estudo não publicado, realizado por ARPAC (2017), no qual levanta aspectos socioculturais do Monte Bengo ou Cabeça do Velho, cujo título é *Manica na rota do turismo doméstico*, no qual se retrata a questão epistemológica do nome do monte com base em entrevistas. Entretanto, para os turistas e outros cidadãos vindouros, o monte é designado por Cabeça do Velho, enquanto os nativos de Chimoio o chamam de Bengo.

Grande parte dos entrevistados considerou que o verdadeiro nome do monte é Bengo, mas sem justificativa jurídico plausível sobre a origem do mesmo. Para eles esta é, a designação que os seus antepassados atribuíram e que isto teria acontecido antes da sua existência.

Na entrevista efetuada em 2021, César Chico<sup>2</sup>, referiu que:

Bengo é nome dos antigos, é lá onde foram enterrados muitos líderes tradicionais (...), o monte chamava-se Bengo, mas depois da morte de Zagarto, apareceu o seu filho para tomar conta da farma do pai e foi aí onde deu o nome de Cabeça do Velho.

Outra versão sobre o surgimento do nome Bengo e Cabeça do Velho, nos é trazida até aqui por ARPAC (2017) que faz referência às narrativas de Alberto Manuel Sarande<sup>3</sup>, um cidadão que residiu nas imediações da serra na longínqua década 50, segundo a qual, tanto Bengo, como Cabeça do Velho constituem nomes da serra como interpretação da sua configuração. Adiante o entrevistado, refere que “Bengo é nome tradicional ou nome atribuído por razões, de certa forma, divergentes, enquanto Cabeça do Velho é resultado da evolução humana e da influência do

<sup>2</sup> Ancião nascido em 1912, desempenhou a função de cabo na era colonial. No exercício das suas funções, também era intérprete e sempre deslocava com o administrador colonial da antiga Vila Pery, atual cidade de Chimoio.

<sup>3</sup> Antigo Presidente de Conselho Municipal da Cidade de Chimoio na década de 1990.

contacto que os nativos tiveram com a penetração estrangeira no país”. Por seu turno, César Chico comenta em entrevista que:

O termo Bengo em si na língua tewe, não existe e penso eu que teria surgido por causa da configuração do monte (...), se prestarem bem atenção, naquela serra, (...) há uma parte divisória, numa fenda, entre a rocha maior e a menor (...), na região parecida com a boca, em língua local chama-se Benga. Nesta parte de Benga/Fenda, é por onde as populações circunvizinhas atravessavam para a outra margem do monte, quer para o lado de cá, quer para o lado de lá. Então as pessoas diziam uma para outra que deviam passar da fenda que em língua local “Pindai ne pa benga paia”, ou seja, “passem da fenda” e então pa “Benga” e com andar de tempo há quem teria adulterado para “Pa Bengo”

Lídia Alberto Matole, outra entrevistada por ARPAC (2017), apresentou uma versão contrária ao considerar que Bengo era nome de um velho que vivia nas imediações da serra cuja esposa era uma notável curandeira “*svikiro*,” notável na região e que muita gente ia para lá a afim de obter tratamento e por questões de localização, o nome mais recomendável era o do marido “Bengo”. Porque o Senhor Bengo e sua esposa residiam nas imediações do monte, a serra foi assim conhecida “*Dunhu rekwa bengó*”, ou seja, o monte do Bengo.

Analisando essas e outras narrativas sobre a designação do monte, aprendemos que se trata sim duma denominação relacionada configuração da serra e que esse nome só começou a ter eco durante a presença estrangeira na região, com destaque à presença de portugueses no século XX. Não se pode desconsiderar ainda a questão associada ao fato de estarem lá sepultados restos mortais de alguns velhos líderes tradicionais da região.

### 3 Valências turísticas e culturais do Monte Cabeça de Velho

O monte “Cabeça de Velho”, uma rocha considerada misteriosa por se parecer com a cabeça humana, de um idoso careca, barbudo, deitado de costas e a chorar, conforme se pode ver na imagem seguinte. Por ser considerado um local circundado de mistérios, é realizada uma pomposa homenagem, através de um festival turístico-cultural celebrado anualmente, pondo fim fama de que apenas se resumia a conversas, passeios e outras atividades, sem que nada efetivo fosse feito para enaltecer o cartão de visita da cidade de Chimoio.

**Imagem 3** – Retrato especial do Monte Cabeça do Velho



Fonte: (Autores, 2021).

O Governo da província de Manica constatou as potencialidades turísticas do local, decidiu tirar a “cabeça do velho” da fama sem méritos.

O festival passou a juntar milhares de pessoas, no sopé do Monte Bengo, o nome original daquela serra, para o que hoje se constitui em uma das maiores atrações turístico-culturais da província. O festival é uma oportunidade não só para revitalizar a notoriedade da serra, como também para consolidar os valores socioculturais e antropológicos de que dispõe, sendo por isso uma maneira prática para preservar o patrimônio cultural, impulsionar o turismo doméstico, respeitar e valorizar as tradições locais.

A primeira edição do festival turístico-cultural “Cabeça de Velho” constituiu uma oportunidade para fornecer serviços turísticos, promover parcerias e tornar a província de Manica e a cidade de Chimoio num destino de referência nacional e regional, além de divulgar a história do “velho homem” deitado eternamente no bairro *Nhamahonha*, como ilustra a imagem abaixo.

**Imagem 4** - Primeiro festival turístico cultural do Monte Cabeça de Velho



Fonte: (Conselho Municipal da cidade de Chimoio).



O local em si, hoje, carrega diversas interpretações como fizemos referência anteriormente, desde as histórico-socioculturais, místicas, religiosas, biológicas, antropológicas, tradicionais e educativas que é matéria fundamental do presente texto, sendo por isso usado pelos residentes locais e não só, para vários fins, desde orações religiosas até as preces e cerimônias tradicionais (educação tradicional e formal) para invocar os espíritos dos antepassados.

Não “é por acaso que o Primeiro Festival a exaltar a importância turístico-cultural da Cabeça do Velho”, teve como lema “Paraíso Místico por Explorar”. Na verdade, Cabeça de Velho é um lugar místico, misterioso e enigmático, onde muitas coisas nela ocorrem e geram novos questionamentos sem respostas imediatas. Daí que, ocorre a necessidade de uma educação social dos habitantes da sua periferia para que capitalizem as suas potencialidades como um espaço não só educador, como também como um espaço que careça de mais esclarecimentos.

A necessidade de uma educação social para os habitantes das cercanias do monte Cabeça de Velho urge pelo fato de esta constituir um potencial transformador quando pensamos sob perspectiva de desenvolvimento social. A informação e o conhecimento que uma pessoa recebe ao longo da vida podem fazer a diferença e, dessa forma, mudar estatísticas e realidades da sociedade. Outrossim, é que a educação em si traz muitos impactos positivos que vão além do ponto de vista econômico-financeiro. Uma população com mais educação, seja ela de que natureza, seus direitos e deveres, sabe pensar de forma crítica e reivindicar melhorias sociais. Logo, tem mais condições de transformar a sua própria realidade, pensando no bem comum.

#### 4 Os mitos e crenças educativas

No entender de VIANA (2011, p. 80), mito narra uma “história” que constitui um “conhecimento” de “ordem exotérica”. Tal ocorre não somente devido seu caráter secreto e iniciático, mas também porque vem acompanhado por um poder mágico-religioso. O conhecimento das origens locais oferece sobre o objeto conhecido certo poder que proporciona a capacidade de dominá-lo ou reproduzi-lo.

Lévi-Strauss (2011) conclui que o mito pode pertencer tanto ao domínio da língua quanto da palavra (fala), ou seja, ao domínio do tempo reversível (sincronia) ou do tempo irreversível (diacronia).

Todavia, as duas narrativas corroboram entre si, pois demonstram que um mito, nada mais é que uma história verdadeira, de caráter sagrado, com perspectiva religiosa, que conta alguma história com caráter primordial e apresenta modelos exemplares de conduta humana, dão sentido e valor à própria existência humana.

De acordo com Peirce (1974), crença é “aquilo segundo o qual o homem está preparado para agir.” Ou seja, “Estar-se” deliberadamente e completamente preparado para moldar a conduta em conformidade com uma proposição não é mais nem menos que o estado mental chamado a acreditar nessa proposição.

Para o caso em apreço, ARPAC (2017, p. 14) esclarece que a população da cidade de Chimoio tem suas crenças assentas no poder dos espíritos dos antepassados e, o monte Cabeça do Velho, é tido como um dos locais onde jazem alguns espíritos dos ancestrais. Aliás, como dizia SUANA (1999) em “Introdução à cultura tewe” “os falecidos quando entram no grupo dos antepassados adquirem poderes extraordinários, capazes de suprir as carências dos homens, transformando-se ao mesmo tempo em elo de contacto com o ser supremo - intermediários”.

O povo tewe possui e considera os seus próprios lugares (*mbuto*<sup>4</sup>) e períodos (*ngunwa*<sup>5</sup>) sagrados (*dzinoera*<sup>6</sup>), os quais devem ser atendidos e respeitados de acordo com os princípios culturais desse povo. É o lugar e período em que uma pessoa, família, comunidade se comprometem com o seu supremo, o sobrenatural, entram em sintonia com Deus (*Mwari*<sup>7</sup>), através dos espíritos dos ancestrais.

## 5 Breves considerações sobre as cidades educadoras

O relatório da UNESCO sobre o Futuro da Educação, para o ano 2000, apresenta o conceito de Cidade Educadora, como “um enquadramento teórico que surge como expressão da nova sensibilidade e concepção que se vem desenvolvendo sobre as funções, os recursos e as potencialidades dos núcleos urbanos” (CABALLO, 2000 p. 14).

Para que uma cidade se transforme em educadora é necessário que assuma, através das suas políticas, a intencionalidade formativa dos e nos seus projetos, com vista a apoiar o desenvolvimento integral do(s) cidadão(s). A cidade educa, nomeadamente, através da sua representação, das instituições e das propostas artísticas, culturais que veicula, das políticas ambientais, do tecido produtivo, do associativismo local, etc.

É necessário que se proponha, objetivamente, trabalhar para o desenvolvimento de comportamentos que visem a qualidade de vida dos seus cidadãos, se constituindo como uma proposta integradora à vida comunitária. Torna-se imprescindível repensar o potencial educativo das cidades, identificando espaços ou locais que promovam a interação entre as pessoas, a discussão

---

<sup>4</sup> Significa “lugar” em português

<sup>5</sup> Significa “períodos” em português

<sup>6</sup> Significa “sagrado” em português

<sup>7</sup> Significa “Deus” em português

de proposta de solução de problemas locais, a mudança de comportamento e atitudes, fontes de inspiração, (re) valorizando os espaços comunitários e institucionais.

Em Moçambique, os programas curriculares nas escolas não apresentam a valorização dos temas locais com potencial educativo, por isso torna-se urgente que, através do currículo local, os professores desenvolvam projetos que visem promover os espaços com um potencial educativo para as comunidades.

A perspectiva da relação entre escola e cidade, segundo o paradigma da cidade educativa, “reconhece a potencialidade educativa da cidade e a escola como um dos seus elementos de educação formal, ao lado de uma pluralidade de instituições, atividades e esforços de caráter formativo intencional ou ocasional” (MACHADO, 2004, p. 163)

A cidade Educadora é, então, concebida como um quadro teórico onde confluem o sistema formativo integrado, o associativismo, as políticas socioculturais, a sociedade civil, a organização e intervenção comunitária, ou o trabalho em rede, entre outros (VILLAR-CABALLO, 2001)

## 6 Dinâmicas educativas do monte cabeça de velho

O Monte Cabeça de Velho encerra seus mistérios, os quais tornam e reforçam a sua importância sociocultural e educativa para a sociedade, com destaque a ocorrências como: os lençóis brancos que, há décadas, apareciam lavados e estendidos todas as manhãs, sem que se saiba quem os pôs lá; os bodes apareciam com um colar vermelho sem dono conhecido e desfilavam indiferentes nos bairros densamente habitados, nos arredores do monte, e ainda as “lágrimas” que escorrem em todos os períodos do ano da zona dos olhos do “Velho”, provenientes de uma minúscula nascente no topo da rocha, principalmente em épocas chuvosas de janeiro a maio.

Nos nossos dias, o local constitui espaço para a realização de reuniões religiosas entre jovens, confraternização, debates e discussões sobre o desenvolvimento da cidade de Chimoio e a criação de atividades recreativas que visam tirar os jovens e adultos da dependência do álcool, das drogas e de comportamentos desajustados aos valores aceitos pelas comunidades. Adicionalmente, o monte cabeça de velho também tem sido importante para levar a cabo ação de educação ambiental para a preservação da fauna e da flora da comunidade local na medida em que alguns professores levam seus alunos a visitarem o monte e a partir de lá, contemplarem a cidade de Chimoio e desenvolvem noções de preservação da flora e fauna. Associado à fauna, no monte, é possível contemplar colônias de velozes lagartixas de cauda azul e vermelha, que habitam a rocha em grandes quantidades, junto a enormes macacos, aves e serpentes.

## 7 O monte cabeça do velho e seu contributo na educação social

Através do seu emblema mítico e da sua influência sociocultural, o Monte Cabeça do Velho proporciona importantes referências para o contexto de educação social, dada a sua incomensurável intervenção sobre a ação dos indivíduos.

Ao convocar LUZURIAGA (1960, p. 24) para esse debate o conceito de educação aponta que a educação é função da sociedade, mediante a qual se procura desenvolver ou facilitar o nível de vida do homem e de introduzi-lo no mundo social e cultural.

Nesse sentido pode-se compreender que a educação representa o elemento imprescindível na construção e transformação da vida dos homens na sociedade. É a partir da educação que o homem vai se moldar para a sua melhor inserção na vida em sociedade.

Assim, numa perspectiva social, a educação é um dos elementos essenciais para a inserção do homem na convivência social. Portanto, para Luzuriaga (1960, p. 29) a educação “é social quando trata de adaptar o indivíduo à sociedade, mas é individual quando tende a liberar o homem da pressão da coletividade.” A educação deve ser ao mesmo tempo social e individual dada a sua criteriosa intencionalidade de formar o homem para a convivência social.

Porém, Petrus (2003, p. 54), explica que desde os primeiros estudos dessa área de pesquisa, a educação social “se referia não só à educação em suas formas tradicionais e à educação individual, mas também à educação do homem que vive em comunidade”

Para os autores Souza Neto, Silva & Moura (2009), a teoria geral da Educação Social abarca as práticas de educação popular e de educação comunitária, podendo atribuir a estas práticas ou ações, suporte teórico e metodológico para que se estabeleçam enquanto ação de uma ciência em constante desenvolvimento, a ciência da Pedagogia Social.

Para Paulo Freire a educação deve ser orientada para a cidadania, levando em conta a realidade dos estudantes e da comunidade escolar, estabelecendo uma conexão entre cultura, conhecimento e sociedade. Ao despertar a consciência sobre os problemas e as potencialidades do sistema que o cerca, o indivíduo tem mais chances de encontrar soluções coletivas a partir dos conhecimentos que adquiriu. Segundo Freire (2001), há um currículo oculto que permeia as relações sociais.

É necessário demonstrar o respeito aos estudantes, aos professores, mas também à comunidade, aos saberes locais, vivenciados no território e à coisa pública.

Paulo Freire nos ensina que desvelar a prática é descobrir, “na prática, a rigorosidade maior ou menor com que nela nos aproximamos aos objetos, à realidade sobre que agimos, o que nos dará um conhecimento cada vez mais crítico, superando o puro “saber da experiência feito” (FREIRE, 2002).

Portanto, é a partir dos fundamentos anunciados que o Monte Cabeça do Velho se configura como um lugar comunitário de confluência de culturas que interconecta as diversas gerações, religiões, ideologias para o encontro de soluções que visem resolver os problemas e os males que impacta a comunidade. O Monte Cabeça do Velho transmite para a sociedade carisma e sinergias que promovem a identidade cultural e o sentido de pertencimento. É um local que favorece ações educativas de reflexão e de mudanças estruturais de comportamentos desajustados de jovens e líderes que dirigem os planos sociais institucionalizados, tal como, GARCIA (2009, p. 223) afirma que “a chamada educação social tem como um de seus objetivos oferecer condições de mudanças estruturais através da educação”.

## 8 Considerações finais

A nossa análise encerra com a ideia de que o modelo de Cidade Educadora é inovador e pode contribuir não só para a educação, mas para a melhoria de outras instâncias sociais da vida cotidiana, uma vez que propõe intercâmbios de saberes, tradições, práticas e costumes da sociedade que busca com frequência, conhecimentos e experiências com intenção de encontrar uma vida digna.

No caso do Monte Cabeça de Velho, vários elementos do saber tradicional e religioso se apresentam às comunidades residentes nas suas cercanias. Com ele aprendem a conservar a natureza, ficam a saber e aprendem as práticas que se executam em diferentes espaços do monte e noutros. Isso porque durante a pesquisa percebemos e concluímos que é no sopé deste monte (Monte Cabeça de Velho) onde convergem várias manifestações de origem religiosa, acadêmica, educativa, cultural e turística, o que permite personificar Chimoio como um dos exemplos práticos de cidades educadoras em Moçambique.

O monte Cabeça de Velho é, assim, considerado um lugar mítico, mas de integração e inclusão social, da igualdade, solidariedade, justiça social e convergência entre as mais variadas culturas moçambicanas e de outros povos que escalam o local.

Contudo, a realização anual do Festival Cabeça de Velho e a promoção das instâncias turísticas ao redor do monte cabeça do velho constituem algumas políticas públicas promovidas pelo Município da Cidade de Chimoio para a difusão do Monte como um elemento crucial na construção da cidade educadora.

## Referências

- AICE. Carta das Cidades Educadoras. Edcities. Disponível em: [https://www.edcities.org/wp-content/uploads/2020/11/PT\\_Carta.pdf](https://www.edcities.org/wp-content/uploads/2020/11/PT_Carta.pdf). Acesso em 09.11.2022
- ARPAC. *Manica, na rota do turismo doméstico. Levantamento de aspectos socioculturais do Monte Bengo ou Cabeça do Velho*. Chimoio, Arquivo, 2017.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 1. ed. São Paulo: Edições 70. 2011
- DELORS, Jacques. Educação. *Um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- GARCIA, Valéria A. *A educação não formal como acontecimento*. 428f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas: 2009.
- FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*, São Paulo Cortez Editora, 2001.
- LARROSA, J. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- LUZURIAGA, Loureiro. *Pedagogia Social e Política*. São Paulo: Companhia. Editora Nacional, 1960.
- MACHADO, J. (2004a). *Escola, município e cidade educadora. A coordenação local da educação*, In Políticas e Gestão Local da Educação – Actas do III Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Charles Hartshorne e Paul Weiss ed., Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1974.
- PETRUS, Antoni. *Novos âmbitos em Educação Social*. In: ROMANS, M., PETRUS, A., TRILLA, J. Tradução ROSA, Ernani. *Profissão Educador Social*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- ROLNIK Raquel. *O que é Cidade*. Editora Brasiliense – Série Primeiros Passos - 84pg, São Paulo, 1988.
- SOUZA NETO, João Clemente de, Roberto da Silva e Rogério Moura (Orgs). *Pedagogia Social*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.
- SUANA, E. Mouzinho. *Introdução à cultura teve*. SLE, Matola. 1999
- VIANA, Nildo. Mito e Ideologia. UFRN-Natal. 2011
- VILLAR-CABALLO, M. *A Cidade Educadora. Nova Perspectiva de Organização Intervenção Municipal*. Lisboa: Edições Piaget (2001). <https://www.institutoalgar.org.br/educacao/educacao-desenvolvimento-social/>. Acessado em 14.12.2021)